

OPINIÃO

Continuous Testing redefine o papel da qualidade na transformação digital

Joab Júnior (*)

A transformação digital deixou de ser uma tendência para se tornar uma exigência estratégica em setores que operam em larga escala.

Bancos, varejistas, operadoras de telecomunicações e empresas de saúde, por exemplo, não podem mais se dar ao luxo de errar em seus sistemas. Uma falha, pormenor que seja, pode comprometer a experiência do usuário, gerar prejuízos financeiros e, em casos extremos, colocar vidas em risco. Diante disso, o Continuous Testing (CT) emerge não como um jargão técnico, mas como um pilar estratégico para garantir confiança, previsibilidade e segurança nas operações digitais.

A prática do Continuous Testing consiste em integrar testes automatizados ao longo de todo o ciclo de desenvolvimento de software. Diferente do modelo tradicional, em que os testes eram realizados apenas ao final do processo, o CT permite identificar e corrigir falhas em tempo real, reduzindo o risco de problemas em produção. Essa abordagem é especialmente relevante em um contexto em que a velocidade de entrega é crucial, mas não pode comprometer a qualidade.

O relatório “O Futuro da Qualidade de Software” da Immetrics, TGT ISG e docentes da Unicamp revela que 46% das empresas estão insatisfeitas com os processos de qualidade e segurança que estão implementados, 20% não sabem como evoluir a organização de qualidade de software e que segurança da informação é preocupação de 66%. Os principais desafios apontados incluem necessidade de melhoria dos processos, insatisfação com indicadores, foco excessivo na velocidade de entrega, falta de uso de dados de mercado, desejo de decisões mais orientadas por dados e sobrecarga de projetos.

O mercado brasileiro de Testing, Inspection and Certification (TIC) reflete essa tendência. De acordo com a consultoria Mordor Intelligence, o setor deve atingir US\$ 4,03 bilhões em 2025, com um crescimento médio anual de 5,06%. Esse avanço é impulsionado pela necessidade de garantir conformidade, segurança e qualidade em ambientes cada vez mais complexos e regulados. Em setores como o financeiro, por exemplo, a adoção do Open Banking e do Pix exige que bancos e fintechs validem suas integrações em tempo real, sem margem para erros.

No varejo, a Black Friday e outras datas sazonais impõem picos de demanda que só podem ser suportados com sistemas robustos e testados continuamente. A integração entre testes e desenvolvimento ágil é outro fator que reforça a importância do CT como diferencial competitivo. Empresas que conseguem alinhar essas duas práticas reduzem o tempo

de entrega sem comprometer a qualidade, criando um ciclo virtuoso de inovação e confiabilidade. Essa abordagem é especialmente relevante em um cenário em que a experiência do usuário se tornou um dos principais ativos das marcas.

Um sistema lento, instável ou inseguro pode afastar clientes e comprometer a reputação de uma empresa em questão de minutos. A inteligência artificial também começa a desempenhar um papel estratégico no Continuous Testing. Ferramentas baseadas em IA já são capazes de prever falhas, gerar cenários automatizados e reduzir o tempo de homologação de novos sistemas. Essa automação inteligente permite que as equipes de qualidade se concentrem em tarefas mais complexas, enquanto a IA cuida dos testes repetitivos e previsíveis. O resultado é um processo mais ágil, preciso e escalável, capaz de acompanhar o ritmo acelerado da transformação digital.

Práticas de engenharia de qualidade vêm se consolidando como base para sustentar entregas em larga escala. A combinação de observabilidade, automação e métricas contínuas permite que as empresas monitorem seus sistemas em tempo real, identifiquem gargalos e ajustem seus processos de forma proativa. Essa abordagem é fundamental para garantir que a qualidade não seja vista como um obstáculo à inovação, mas como um facilitador estratégico para o crescimento sustentável.

No entanto, é preciso reconhecer que a adoção do Continuous Testing ainda enfrenta desafios culturais e estruturais em muitas organizações. Em alguns casos, a pressão por entregas rápidas leva a uma priorização equivocada da velocidade em detrimento da qualidade. Em outros, a falta de integração entre equipes de desenvolvimento e qualidade cria silos que dificultam a implementação de práticas contínuas. Superar esses obstáculos exige uma mudança de mentalidade, em que a qualidade deixe de ser vista como uma etapa final e passe a ser incorporada desde o início do processo.

Em setores que não podem renunciar à qualidade, estabilidade e confiabilidade, essa prática se torna um diferencial competitivo capaz de sustentar o crescimento sem comprometer a experiência do usuário. A automação de testes, a integração com o desenvolvimento ágil e o uso de inteligência artificial são elementos que reforçam essa abordagem, permitindo que as empresas inovem com segurança e previsibilidade. O desafio, agora, é transformar o CT em uma cultura organizacional, em que a qualidade seja vista como um valor inegociável em todas as etapas do ciclo de desenvolvimento.

(*) Especialista em Qualidade de Softwares e sócio da Vericode.

Confiança cega na IA: o desafio invisível da era digital

É consenso que a inteligência artificial tornou-se parte do cotidiano das empresas e dos profissionais brasileiros.

Carlos Schmiedel (*)

Segundo a pesquisa “Confiança, Atitudes e Uso de Inteligência Artificial” conduzida pela KPMG e pela Universidade de Melbourne, 86% dos trabalhadores brasileiros afirmam usar ferramentas de automação em suas rotinas. Destes, 71% notaram ganhos de eficiência e qualidade em suas atividades.

Mas o dado mais revelador vem de outro levantamento, feito pela YouGov a pedido da Zendesk: sete em cada 10 brasileiros dizem confiar na IA para gerenciar suas finanças pessoais. Para vias de comparação, em países como Alemanha e Reino Unido, essa confiança cai para uma a cada dez pessoas. Em outras palavras, o Brasil desponta como um dos países que mais abraçaram a tecnologia e talvez também um dos que menos questionam seus limites.

Desde o lançamento do ChatGPT, em 2022, empresas de todos os setores vêm explorando as possibilidades dos *Large Language Models* (LLMs). Contudo, junto com essas oportunidades surgiu um desafio crítico: as chamadas “*alucinações da IA*”. Em suma, são situações em que os al-

g ritmos geram informações convincentes, mas potencialmente incorretas ou completamente fabricadas.

Assim como o cérebro humano preenche lacunas de memória com informações possíveis, mas incorretas, os modelos de inteligência artificial utilizam mecanismos preditivos para gerar respostas quando enfrentam incertezas. A diferença é que nós, humanos, temos a visão crítica para diferenciar o certo do errado. Já o ChatGPT, por exemplo, muitas vezes falha

e persiste no erro. O problema é que a confiança nesta fabricação muitas vezes pode nos enganar.

As alucinações também podem representar um problema ético e operacional. Elas permitem que sistemas de IA produzam textos com aparência de veracidade, mas sem base factual. Em ambientes corporativos, podem comprometer decisões, reputações e até a privacidade de dados. No setor de saúde, por exemplo, o impacto é especialmente grave: já houve casos de diagnósticos fictícios gerados por sistemas automatizados de análise médica.

Por outro lado, nem toda “*alucinação*” é um erro a ser eliminado. Em contextos criativos como publicidade, storytelling ou design a capacidade da IA de produzir conexões improváveis pode estimular a inovação.

Confiar na IA é inevitável. Confiar cegamente, não! O verdadeiro avanço tecnológico depende de uma relação madura entre humanos e máquinas.

(*) Co-fundador e CEO da Draiven. Também é mestre em ciência da informação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Programa gratuito ensina brasileiros a usar IA para gerar renda extra e iniciar carreira tech

Com vagas limitadas até o dia 31 de dezembro, os brasileiros que possuem ou não experiência em tecnologia terão a oportunidade de garantir uma capacitação gratuita de low-code com agentes de Inteligência Artificial (IA) através do Programa OutSystems Treina Brasil. Após iniciar uma nova fase com o Agentic AI Workbench, as aulas gratuitas foram reformuladas para ensinar como criar agentes de IA integrados a aplicações e automatizar processos, combinando tecnologia low-code e inteligência artificial de ponta. O curso 100% on-line já está com inscrições pelo site www.outsystemstreinabrasil.com.br.

Com a proposta de formar uma nova geração de brasileiros especializados em tecnologia, o curso oferece um conteúdo prático, gratuito e reconhecido pela comunidade OutSystems. Para Rafael Pereira, fundador da RafaOutSystems e especialista em low-code há mais de 19 anos, não basta entender a Inteligência Artificial, também é preciso saber aplicá-la. O Workbench coloca essa capacidade nas mãos de qualquer desenvolvedor. "Ele permite que desenvolvedores low-code pensem em termos de colaboração entre humanos e IA, em vez de apenas comandos isolados. A ideia é que os agentes se tornem partes ativas das aplicações, aprendendo, decidindo e executando tarefas em tempo real", afirma.

O fundador da RafaOutSystems também explica que o Workbench é um ambiente unificado dentro da plataforma OutSystems responsável por integrar IA generativa, automação e lógica de negócio num só lugar. Também permite criar “agentes inteligentes” capazes de tomar decisões, buscar informações e executar tarefas. Fornece conectores prontos para integrar modelos de IA (como OpenAI, Azure AI, etc, além de oferecer ferramentas visuais para desenhar o comportamento e as interações entre os agentes.

"Em outras palavras, ele transforma o desenvolvimento tradicional de IA, que exige múltiplas integrações e muito código, em uma experiência visual, rápida e segura, totalmente dentro do ecossistema OutSys-

tems", explica Rafael.

A nova versão do treinamento ensina como criar um agente de identificação de tom de escrita com IA. Os participantes ainda têm acesso às 10 aulas gravadas sobre a introdução à programação low-code. Com elas, o aluno aprenderá o passo a passo dos principais processos que levam ao desenvolvimento da aplicação, tais como a criação de uma conta, de ambiente de estudos, de aplicação de chamados e as melhorias de aplicação. Além disso, a capacitação ainda ensinará a criação de dois agentes de IA com o ChatGPT para auxílio de resposta de chamado e suporte.

News @ TI

ricardosouza@netjen.com.br

Samsung abre votações do Júri Popular da 12ª edição do Solve for Tomorrow Brasil

@O Solve for Tomorrow Brasil1 acaba de abrir as votações do Júri Popular, para que o público possa contribuir na escolha de seus projetos favoritos entre os 10 finalistas da edição. Para participar da votação do Júri Popular do programa, basta acessar o site oficial do Solve For Tomorrow Brasil até o dia 28 de novembro às 23h59 e selecionar o projeto escolhido e votar. Marcada para o dia 2 de dezembro, a cerimônia de celebração da edição será transmitida ao vivo pelo canal da Samsung Brasil no YouTube a partir das 10h (horário de Brasília). Na ocasião, também serão revelados os três projetos de destaque na categoria Vencedores Nacionais, sendo esses definidos por uma banca julgadora do programa (<https://solvefortomorrowbrasil.com.br/>).

Smartbrain e BridgeWise se integram para construir produto exclusivo

@A Smartbrain, plataforma de consolidação e automação de dados financeiros utilizada por consultores, gestores, family offices e instituições, acaba de anunciar uma parceria estratégica com a BridgeWise para oferecer IA para escalar análise de ações globais. A

integração passa a estruturar indicadores, relatórios e comparativos diretamente no ambiente já usado para consolidação de carteiras, sem planilhas externas, múltiplas telas ou processos paralelos. O recurso aplica inteligência artificial para padronizar dados de empresas listadas em diferentes países, mantendo o mesmo critério técnico adotado para ativos locais. A solução opera de forma nativa, com cálculo, estruturação e visualização integrados ao fluxo diário de gestão.

Read AI lança o Operator para capturar todas as conversas, em qualquer lugar onde o trabalho acontece

@O trabalho híbrido se consolidou como o novo padrão - e com ele veio uma onda de fragmentação digital. Uma pesquisa proprietária da Read AI com profissionais brasileiros, realizada em outubro de 2025, mostra que a maioria dos trabalhadores alterna constantemente de contexto ao longo do dia: 80% mudam de plataforma conforme o projeto, enquanto 75% transitam entre aplicativos para se comunicar com diferentes equipes. Além disso, 74% ainda precisam acessar CRMs e planilhas além dos canais de comunicação. O resultado é um ambiente de trabalho marcado pela sobrecarga de ferramentas, em que a produtividade se perde entre abas e silos de dados.